

Cartografando as resistências em tempos em que ninguém solta a mão de ninguém

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

É com imensa alegria que trazemos ao público a Revista: Geografia: Ambiente, Educação e Sociedades, hospedada no portal: <<https://periodicos.unemat.br/>>. Trata-se de um periódico semestral – inicialmente coordenado pelo Grupo de Pesquisa: Laboratório de Estudos e Pesquisas da Diversidade da Amazônia Legal (Leal) –, aberto a receber contribuições científicas, na forma textual, relacionadas a todos os campos de interesse da Geografia e Educação. Este primeiro número contém artigos recebidos e avaliados anonimamente por pareceristas *ad hoc*, e oriundos da colaboração de eventos coordenados pelo Leal. Tais eventos ocorreram, sobretudo paralelos ao Semiedu que acontece anualmente na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Procuramos construir uma narrativa a partir dos textos publicizados aqui, levando em conta o trágico momento político que vive o Brasil quando a extrema direita chega ao poder no dia 01/01/2019. O lema dos editores, avaliadores e colaboradores desta revista é cartografar as lutas de resistência, dialogar por meio dos textos, da pesquisa, do ensino e da extensão, considerando que o papel da universidade é o da crítica radical no exato momento em que, de forma mais surreal possível, se discute a *Lei da Mordaza*, popularmente conhecida como escola sem partido.

O texto a entreabrir as discussões é o da professora catedrática da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Lia Faria, em autoria com a professora Rosemaria J. Vieira Silva, intitulado “Paulo Freire e Darcy Ribeiro: um diálogo necessário, ocorrido no Seminário: *CIEP - Crítica e auto-crítica*, no Município de Niterói-RJ”, em 1991. Paulo Freire e Darcy Ribeiro dialogaram sobre suas trajetórias e experiências de vida. A tessitura do diálogo rememora o pensamento político-educacional desses dois grandes mestres da educação brasileira. Ainda que a interlocução tenha ocorrido no interstício temporal de 27 anos atrás, esse diálogo, atualíssimo, tem tudo a ver com o trágico momento em que a educação brasileira atravessa naquilo que refere ao clamor ideológico de uma escola sem partido, como se isso fosse

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

3

possível. As experiências destes mestres contribuem para a construção de um pensamento crítico e emancipador, pois foi o que nos ensinaram em todos os seus livros que ficaram para a posteridade.

Tanto Paulo Freire como Darcy Ribeiro fizeram de suas vidas exemplos de profissionais e luta por um mundo melhor, ambos militaram na política, criando programas de alfabetização ou a criação da Universidade de Brasília. Darcy Ribeiro foi senador da República, Paulo Freire foi secretário de Educação do Município de São Paulo. Este reencontro, portanto, nesse evento, não poderia deixar de ser um ato público e político pela primeira vez, após o exílio. Ambos nos deixaram exemplos de resistências, cartografaram, em seus livros, os caminhos das resistências, através do conhecimento do povo brasileiro e o diálogo de forma autônoma, com solidariedade, esperanças, também indignação, e esperanças para o futuro. Esperança do verbo esperar e não esperar, por conseguinte, cartografar as resistências significa nos lançar para a construção de um mundo melhor, de uma universidade melhor.

Esses dois professores brasileiros, em suas trajetórias trilharam caminhos próximos, únicos, sem perder os sonhos e as utopias de construção de um Brasil republicano e de um mundo mais justo e solidário.

“A (des) colonização dos saberes e os gêneros: é possível uma hermenêutica feminista das epistemologias feminista do sul?” Esta é a discussão tecida pela professora doutora da Universidade Federal de Dourados, Claudia Cristina Ferreira Carvalho. Nesse artigo, Claudia Cristina apresenta a colonialidade de gênero, apontando como o pensamento colonial e patriarcal que povoa ainda hoje, inclusive, as universidades brasileiras mediante uma racionalidade de um pensamento totalitário ocidental, continua ainda a legitimar tanto a narrativa como a prática que subjuga a vida de mulheres, em suas palavras “subalternizadas no Sul ou no Norte global”.

O professor Chileno Juan Mansilla Sepúlveda traz o artigo “Capuchinos bávaros y niñez mapuche: aproximaciones desde la fenomenología del cuerpo en Merleau-Ponty”. Aqui a fenomenologia de Merleau-Ponty apresenta mecanismos que permitem hipotetizar o aparelho disciplinar utilizado por vários agentes em relação aos povos indígenas no final do século XIX e início do século XX no Chile. O governo chileno impôs uma integração forçada com ocupações de terras com projetos de modernização favorecendo grupos de elite. Aliás, é a pedido das elites chilenas, que se instalam escolas e internatos monoculturais que controlam

o corpo e a alma de crianças e infâncias para alcançar a chilenização e ocidentalização dos mapuches desde a infância. Qualquer semelhança com o Brasil certamente não é aleatório, mas faz parte de um projeto colonial de imposição de um capitalismo perverso que não quer que as culturas locais se sobreponham em relação ao pensamento ocidental.

As professoras Maria Elizabete Rambo Kochhann, Minéia Cappellari Fagundes, Soneize Auxiliadora de Miranda nos trazem importante relato do “Projeto novos talentos: novas formas de despertar conhecimentos”. As autoras apresentam os resultados das atividades do Projeto *Descobrendo Talentos na Educação Básica nas Escolas de Mato Grosso*, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

Maria Luzenira Braz e Eliseu Riscaroli trazem o artigo **“Do lixo às letras: a reinvenção das mulheres catadoras da Asscavag - dilemas da precarização do trabalho”**. Mulheres catadoras de materiais recicláveis dão exemplos da busca de um mundo melhor mediante a aquisição da leitura. Paulo Freire mais uma vez permeia o texto ao ensinar a emancipação da pessoa por meio da Educação de Jovens e Adultos.

As professoras Yandra de Oliveira Firmo e Maria Anunciação P. Barros, no artigo “Sociodrama como ferramenta de ação para a educação como prática de liberdade”, fazem alusão aos resultados de pesquisa de doutoramento em Educação, com base em intervenção prática e compreensão bibliográfica, fundamentadas em uma educação para a liberdade, em meio aos pressupostos teórico-epistemológicos e metodológicos da Educação como Prática de Liberdade, de Paulo Freire.

As autoras Valda da Costa Nunes e Beleni Salette Grando trazem o trabalho intitulado **“Os projetos de trabalho e a pesquisa-ação pedagógica: potenciais “metodológicos” para a interculturalidade na escola”**. A escola é lugar de convívio de pessoas com diferentes culturas, embora o ensino tenha como base o monoculturalismo. O artigo propõe discutir a superação da cultura hegemônica presente no meio educacional, que inviabiliza a abertura ao “Outro”, especialmente o/a indígena, dificultando as relações interculturais.

O estudo “Inclusão de surdos em atividades de extensão universitária: Projeto Novos Talentos/UFMT-CAPES”, de Tânia Maria de Lima, Luciene Bena Bolonha, Débora Regina da Costa Vieira, analisa propostas de inclusão de estudantes e professores surdos nas atividades do projeto *Rede de estudos e colaboração para inclusão*

social e desenvolvimento da cultura científica, desenvolvido pela UFMT, no contexto do Programa Novos Talentos/Capes.

Os autores Amanda Pereira da Silva Azinari e Odimar J. Peripolli abordam a discussão que engloba a “Formação docente e a constituição do ser mulher-professora-trabalhadora na educação do campo”. O texto apresenta histórias de vida de professoras da rede municipal de Juara / MT, e os silenciamentos e a marginalizam de mulheres professoras que vivem e trabalham em escolas do espaço rural.

Aline F. Ventura Sávio Leite e Marcelo Carbone Carneiro apresentam o artigo: “Como pedagogos atuantes ensinam ciências naturais nos anos iniciais do ensino fundamental”.

Por fim, esclarecemos que dois artigos não entraram neste primeiro número. Trata-se do texto da professora doutora Lia Faria e do texto final do professor mestre Gibran Luis Lachowski. Isto em razão de ajustes no segundo número desta revista que está em processo de finalização. Também a narrativa que queríamos construir em torno da Cartografia das Resistências no segundo número do periódico, por considerar que, no momento em que a extrema direita chega ao poder, compreendemos que mais do que nunca Paulo Freire e Darci Ribeiro são necessários nos espaço educacionais. A questão muito clara para muitos de nós é: Por que querem matar Paulo Freire? O pensamento de Freire é emancipador. Portanto, o que a elite brasileira nunca aceitou é o fato de que um governo popular de esquerda permitiu programas como Novos Talentos para aproximar as universidades de escolas públicas. Universidades que até então eram consideradas de elites e excludentes.

O texto do professor e jornalista Gibran “Diário de repórter”: refletindo sobre uma prática pedagógica com enfoque na percepção noticiosa”. Traz a reflexão sobre ensino-aprendizagem em Jornalismo, pouco presente na academia no Brasil. Gibran nos ajuda a refletir sobre o papel da Comunicação Social na sociedade. Se por um lado clamamos por uma escola e uma universidade libertadoras, críticas; por outro, temos hoje as redes sociais utilizadas de forma perversa para difundir notícias falsas. Assim se constroem mitos que na verdade são a favor da opressão e contra os Direitos Humanos. E nesse contexto, temos Paulo Freire e Darci Ribeiro nos ensinando a Cartografar os caminhos que foram trilhados ao longo de cinco séculos e duas décadas. Somos um país jovem, temos muito o que caminhar, afinal somos a resistência, inclusive, na universidade, para isso ninguém solta a mão de ninguém.